

ACHADOS METÁLICOS DO VOUGA E DO BAIXO-MONDEGO (CENTRO DE PORTUGAL): CONTRIBUTOS PARA A SUA CONTEXTUALIZAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Carlos Cruz¹, Ana M. S. Bettencourt², Beatriz Comendador Rey³
& Alexandre Rodrigues⁴

Resumo: O objetivo deste texto é a apresentação do contexto físico de cinco achados ou conjuntos metálicos da bacia do Vouga e do Baixo-Mondego resultantes de trabalhos de prospeção efetuados no âmbito do projeto Enardas. Referimo-nos aos achados ou depósitos designados por Coles de Samuel e Vale Centeio, ambos no concelho de Soure; ao de Travassos, no concelho da Mealhada e ao de Baralhas, no concelho de Vale de Cambra.

No primeiro foi possível identificar o local e o contexto cultural do conjunto metálico e perceber que este correspondia a um depósito fechado; no caso de Vale Centeio foi apenas identificado, no terreno, o local genérico do achado; no caso de Travassos foi realocado o achado e nos casos de Baralhas foram descritos com mais acuidade os contextos físicos dos locais de achado.

Apesar das particularidades todos os achados apresentam alguns denominadores comuns em termos físicos: conectam-se, direta ou indiretamente, com pequenas bacias de receção ou nascentes, com sítios relativamente depressionários e com visibilidades restritas. Apesar desta última característica, todos estes locais se vinculam com vales agrícolas que visualizam.

A conjugação da localização destes achados no espaço, com a sua morfologia e as suas características técnicas possibilitam-nos algumas interpretações de ordem cultural sobre as comunidades da Idade do Bronze que as depositaram.

Palavras-chave: Bacias do Vouga e Baixo-Mondego, Bronze Final, Achados metálicos e depósitos, Contextos físicos, Propósitos sociais.

Abstract: The aim of this paper is the presentation of the physical context of five metallic finds and hoards found in the Vouga and Lower Mondego basins and resulting from surveys made under the project Enardas.

We refer to the findings and hoards called Coles de Samuel and Vale Centeio, both in the municipality of Soure; to Travassos, in the municipality of Aveiro and to Baralhas, in the municipality of Vale de Cambra. At first, it was possible to identify the location and the cultural context of the metallic hoard and realize that this corresponded to a closed deposit; in the case of Vale Centeio has been only identified in the field, the general location of the find; in hoard of Travassos has been relocated and the gold hoard of Baralhas the physical contexts of the find have been described more precisely.

Although the specifics, all findings have some common denominators in physical terms: they are directly or indirectly connect with small watersheds or springs and in sites with restricted visibility. Despite this last feature, all these places are bound with agricultural valleys that visualize.

¹ Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM/UM. E-mail: simoes.cruz@gmail.com

² Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória – CITCEM/UM; Departamento de História da Universidade do Minho. Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal. E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

³ Grupo de Estudos de Arqueologia, Antiguidade e Território - GEAT; Faculdade de História, Universidade de Vigo, Galiza, Espanha. E-mail: beacomendador@uvigo.es

⁴ Arqueólogo. Câmara Municipal de Vale de Cambra. E-mail: alexdavidrodrigues@gmail.com.

The combination of the location of the finds in space, with its morphology and its technical characteristics, allow us some interpretations of cultural features of the Bronze Age communities that deposited them.

Keywords: Vouga e Mondego lowers basins, Late Bronze Age, Metallic finds and hoards, Physical contexts; Social purposes.

1. INTRODUÇÃO

Os achados e os depósitos metálicos têm sido vulgarmente estudados nas suas perspetivas formais e tecnológicas, dado o desconhecimento de muitos dos seus contextos espaciais e condições de achado.

Ora, este é um dos aspetos que consideramos fundamental para que possamos interpretar as motivações dos atores que estão por detrás das ações ou dos atos de depositar.

Neste sentido, é objetivo do projeto Enardas contextualizar e conhecer as condições de achado de artefatos metálicos nas diversas áreas que abarca. Neste texto vimos apresentar 4 casos de estudo distribuídos pelas bacias do Baixo Mondego e do Baixo Vouga, a saber: o designado conjunto de Coles de Samuel e o achado de Vale Centeio, ambos no baixo Mondego e os depósitos de Travasso e de Baralhas, no Baixo Vouga.

A partir dos resultados obtidos equacionar-se-ão algumas hipóteses interpretativas sobre os lugares e as motivações de deposição por parte das comunidades da Idade do Bronze.

2. METODOLOGIA

A metodologia usada para elaborar este trabalho foi a da consulta de fontes antigas mas, sobretudo, o trabalho de campo, que implicou encontrar os antigos proprietários dos locais onde foram localizados artefatos metálicos, assim como os seus achadores, quando estes não eram coincidentes. Nestes casos realizámos inquéritos tendo por base uma série de categorias de análise pré-estabelecidas. Por vezes, os informantes foram inquiridos mais do que uma vez para esclarecimentos. Nestes casos, visitámos os locais dos achados na companhia dos achadores e preenchemos fichas de contexto físico e ambiental.

Para os achados mais antigos, em que não foi possível localizar os seus achadores nem precisar com exatidão o local da descoberta, precisámos os topónimos no terreno, tentámos isolar a área abarcada por eles e analisámos as suas características físicas e ambientais.

3. CASOS DE ESTUDO

3.1. Fazenda da Horta do Casalinho versus Coles de Samuel

O conjunto metálico designado como de Coles de Samuel, foi inicialmente publicado em 1971, tendo, na altura, sido dado como proveniente do lugar de Coles, na freguesia

de Samuel, concelho de Soure, distrito de Coimbra. Por serem desconhecidas as condições de achado são vários os autores que põem em questão, se se trataria, de facto, de um depósito, como é o caso de Vilaça em 2008 ou Bottaini, em 2012.

Senna Martinez, em 1989, cartografa o local, com base em informações fornecidas por Ana Margarida Serra, do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, mas, mesmo assim, os dados não são coincidentes com os recolhidos neste trabalho.

Este conjunto estudado por vários autores (Pereira 1971; Monteagudo 1977; Coffyn 1085, 1998; Melo 2000) corresponde a 6 foices de “tipo Rocanes”, 6 braceletes, 1 escopro, 4 machados de alvado e 1 machado de talão unifacial, efetuado em ligas binárias, atualmente depositados no Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra (Fig. 1).



Fig. 1 - Conjunto de Coles de Samuel (seg. Alarcão & Santos 1996).

Em Agosto de 2013, o primeiro signatário deste trabalho, em trabalho de campo, consegue encontrar o achador do depósito. Trata-se do Sr. António Martins, de 77 anos, morador no lugar do Casalinho, freguesia de Samuel. Das diversas entrevistas então efetuadas apurou que o achado foi encontrado numa propriedade rural denominada Fazenda, pertencente ao sítio da Horta do Casalinho, lugar do Casalinho, freguesia de Samuel, concelho de Soure e não no lugar de Coles (coordenadas geográficas segundo o sistema decimal WGS84: 40.075444 ° N / 008.697331 ° W; Alt.: 60 m) (Fig. 2); que este ocorreu nos inícios dos anos 60, entre 1960 e 1962; que foi encontrado quando o achador se encontrava a revolver o terreno com uma enxada para o plantio de vinha, a cerca de 1 m de profundidade, em terra barrenta, sendo "o barro" onde se encontraram os objetos, igual ao das zonas limítrofes, sem ocorrência de quaisquer outros materiais, pedras ou calhaus rolados; que os objetos estavam todos juntos e sem que se tivesse notado outros artefatos em associação.

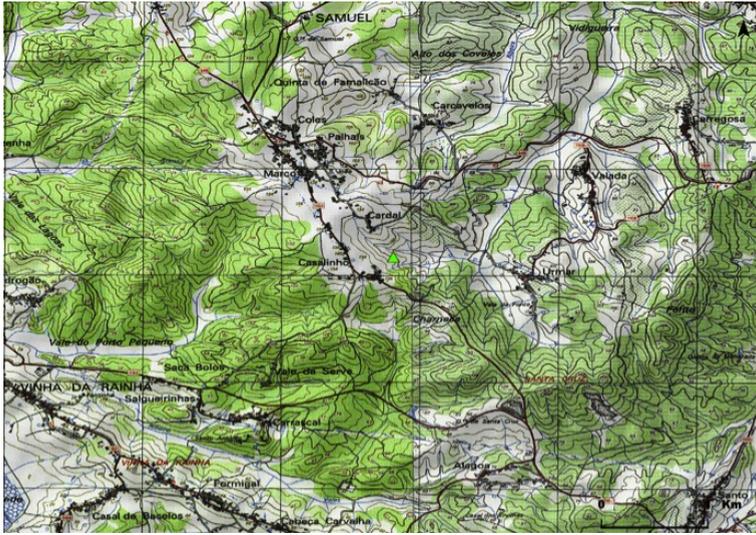


Fig. 2 – Localização do sítio da Fazenda - Horta do Casalinho. Extrato da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25000, nº 219 (IGE).

Quanto à disposição precisa dos objetos o achador respondeu que "*...estavam mesmo num monte*" dando a impressão de "*... terem sido enterrados de propósito*". *Devem ter sido postos lá, ... devem ter escavado o barro e enterrado lá as peças*". Avivada a memória, reafirmou terem sido os machados a aparecer em primeiro lugar. Depois, "*... mexemos a terra e iam aparecendo as outras que recolhíamos à mão. Às foices chamávamos meias-luas*".

Informou, ainda, que o achado permaneceu em sua casa, mais ou menos um ano, e que sabendo tratar-se de objetos estranhos "*do tempo dos mouros*" procurou saber o seu valor junto de um ourives. Como este não lhes reconheceu valor vendeu-os, mais tarde, a um guarda-livros de Montemor-o-Velho, que tinha sido avisado do achado pelo Sr. Girão, também de Montemor e, ao tempo, dono de uma pensão.

Diz-nos a propósito que os achados foram vendidos "*por quase nada*" ao tal guarda livros de Montemor que lhes terá dito: "*... ninguém vos compra isso. Dou-vos para um almoço...*". "*Deve-me ter dado ... uns 50 escudos ... 100 não devia ser!*".

Visitado, cartografado e analisado o local do achado verificámos que este se encontrava numa pequena plataforma da parte baixa de uma vertente, sobranceira a um pequeno curso de água e nas imediações de duas nascentes: uma a 300 m para norte, perto do lugar de Cardal, e a outra a 200 m para poente, pertencente ao lugar do Casalinho, ou seja, trata-se de uma área que corresponde a uma pequena bacia de receção de um curso de água que vai alimentar a ribeira de Brunhós, que irá desaguar na vala Real e no rio Arunca, afluente do Mondego (Fig. 3).

No local não ocorrem afloramentos à superfície. Segundo a Carta Geológica de Portugal 19-C. os solos correspondem a uma unidade fundamentalmente detrítica (com arenitos e argilas intercaladas com alguns calcários).

Sendo uma área de visibilidade fechada apenas se avista o vale este, nordeste e sudeste.

Em suma, o achado até agora designado por Coles de Samuel deverá, doravante, ser considerado como da Fazenda da Horta do Casalinho e como fazendo parte de um depósito fechado, enterrado no subsolo e nas proximidades de nascentes que alimentam a bacia do rio Arunca, afluente da margem do Mondego, e de solos bem irrigados.



Fig. 3 - Identificação do local do achado na Fazenda - Horta do Casalinho e sua localização no Google Earth.

3.2. Vale Centeio

O achado dado como de Vale Centeio, Pombalinho, concelho de Soure, corresponde a um machado de alvado que se encontra em depósito no Museu Nacional de Arqueologia. Segundo Vilaça (2008), pelo número de inventário (MNA-17477), corresponderia a um achado antigo que terá dado entrada naquele museu, ainda no tempo de José Leite de Vasconcelos (Fig. 4).



Fig. 4 - Machado de alvado de Vale Centeio (seg. Vilaça 2008).

Na ficha de inventário manuscrita daquela instituição, o achado era dado como sendo proveniente de Lourais, Pombalinho, topónimo citado por Coffyn, em 1985.

Em prospeções efetuadas na freguesia de Pombalinho, não foi possível encontrar alguém que se lembrasse do ocorrido. No entanto, nos vários lugares visitados, nomeada-

mente no de Vale Centeio, todos os informantes foram unânimes em afirmar que não existe ou existiu nenhum topónimo Lourais mas sim Lousais, que identificaram no terreno. Trata-se de um microtopónimo que corresponde a uma área superior a 5 hectares, entre os lugares de Vale Centeio e de Quatro Lagoas, ambos pertencentes à freguesia de Pombalinho e que fica numa pequena bacia de receção de um curso de água tributário do rio dos Mouros, pertencente à bacia hidrográfica do rio Ega, afluente do Mondego, mais especificamente, numa área relativamente alteado entre dois pequenos vales definidos por cursos de água que lhe correm a oeste e a este (Fig. 5).

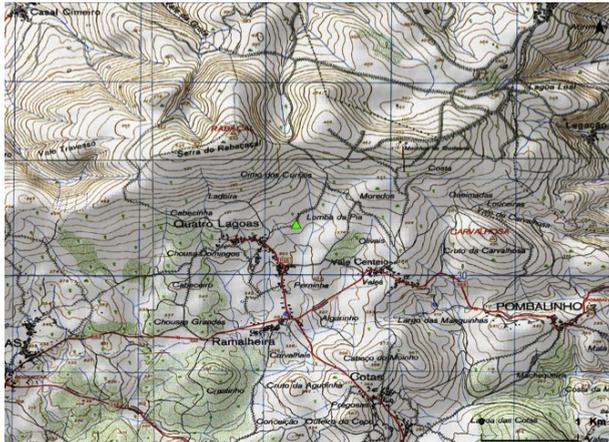


Fig. 5 - Localização do sítio dos Lousais - Vale Centeio. Extrato da Carta Militar de Portugal, escala 1: 25 000, n° 263 (IGE).

No local ocorrem ainda, inúmeros afloramentos calcários à superfície que devem estar na origem do topónimo (Fig. 6). Em resumo, o achado até agora designado por Vale Centeio, Pombalinho, deverá ser considerado como dos Lousais, zona profícua em afloramentos e no seio de uma pequena bacia de receção, em área relativamente fechada embora visualmente vinculado com um pequeno vale agrícola que lhe fica a sul.

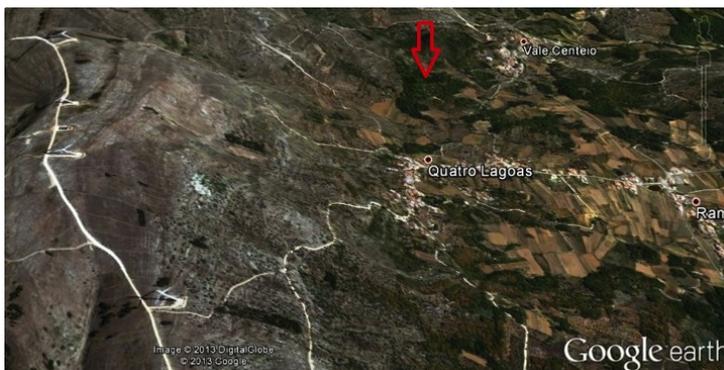


Fig. 6 - Localização aproximada do local no Google Earth.

3.3. Sobreirinho/Travasso

O achado metálico composto por uma foice de “tipo Rocanes” e três machados de talão de dupla argola foi publicado, em 1984, por Noémia Leitão e José Machado Lopes como proveniente da Cova do Vale, lugar de Travasso, freguesia da Vacariça, concelho da Mealhada, distrito de Aveiro (Fig. 7). Na altura, os autores descreveram formalmente os artefactos, efetuaram as respetivas medidas e consideraram que existiam dois “*machados gémeos*”, ou seja, provenientes do mesmo molde (Leitão & Lopes 1984). Realizaram, ainda, análises de composição química do conjunto que revelaram que todas as peças eram bronzes binários.



Fig. 7 - Conjunto do Sobreirinho, Travassos.

Segundo o mesmo artigo, o conjunto foi encontrado durante a abertura de uma cova destinado à fossa séptica de uma moradia, à profundidade de 1,5 m a 2 m, em terras revolvidas e sem qualquer associação com outros elementos de interesse.

Nos trabalhos realizados no âmbito do projeto Enardas foi possível encontrar o achador deste conjunto e precisar quer o contexto físico e ambiental do local do achado como as suas condições. Foi, ainda, efetuada uma avaliação técnica das peças e novas medições com instrumentos de maior precisão.

O achador não foi o proprietário da casa, o Sr. Manuel António Simões Fernandes mas sim o seu sogro, o Sr. Manuel Alves Ferreira e a Sr.^a Francelina Fernandes, sua filha e mulher do proprietário da casa. Das diversas entrevistas que lhes foram efetuadas, detetámos algumas imprecisões no texto publicado em 1984, que urge corrigir.

Em primeiro lugar, o achado foi encontrado no local do Sobreirinho pertencente, igualmente, ao lugar de Travassos, freguesia da Vacariça, e não na Cova do Vale, que fica a cerca de 500 m para sudoeste do verdadeiro local do achado (coordenadas geográficas decimais segundo o sistema WGS84: 40.358586 ° N / 008.438514 ° W; Alt.65m) (Fig. 8).



Fig. 8 - Localização do sítio do Sobreirinho. Extrato do Carta Militar de Portugal, na escala 1:25000, nº 219 (IGE).

Em segundo lugar, soubemos que o local da abertura da fossa séptica se efetuou numa pequena depressão do terreno que fica a 12 m para sul de um pequeno curso de água ("vala hidráulica", na designação dos achadores), que alimenta o ribeiro do Linteiro, afluente da ribeira do Canedo que, por sua vez, desagua no rio Cértima. Em terceiro lugar foi possível apurar, que o achado se encontrava a cerca de 1 m de profundidade, em terra saibrenta, com muitos calhaus. Tendo em conta o depoimento agora obtido, os três machados e a foice "*apareceram mais ou menos juntos num espaço de cerca de 1m. Estavam quase ao de cima, aí a 1 metro de profundidade quando estávamos a cavar à enxada. A fossa foi aberta até cerca de 3 m de profundidade e não apareceu mais nada*". Não foi possível confirmar a existência de qualquer mancha de coloração distinta ou diferença de compacidade no terreno, nem a disposição original dos mesmos. Segundo os testemunhos "*Estavam todos ao mesmo nível e foram aparecendo ao sabor da enxada ... apareceu um ... mas o que é isto?, apareceu outro..., mas o que é isto?...*". Diz o proprietário da casa a propósito: "*... o meu sogro e a minha mulher estavam a arrastar aquela primeira camada que tinha muitos calhaus. A enxada vai à frente ...e arrasta (a terra) para junto dos pés. Não estavam a cavar à manta porque era duro, estavam a arrastar ...*". Tal descrição faz supor que as peças estariam juntas e que foram arrastadas pela enxada, razão pela qual se dispersaram.

Assim, pela grande probabilidade destes objetos estarem todos juntos e pela inexistência doutros artefactos em associação, consideramos este achado como um depósito, na senda de Vilaça (2007) e não espólio associado a contexto funerário como defenderam Leitão e Lopes (1984). Da avaliação técnica sumária pareceu-nos que todos os machados são diferentes e, portanto, efetuados em moldes distintos.

O conjunto está depositados no Museu do Grupo Etnográfico de Defesa do Património e Ambiente da Região de Pampilhosa (GEDEPA), encontrando-se em estado

avanzado de corrosão ativa e a necessitar de consolidação urgente.

Visitado, cartografado e analisado o local do achado verificámos que este se encontrava, de facto, numa pequena depressão nas imediações de um pequeníssimo curso de água, numa área profundamente irrigada e com boas potencialidades agrícolas. De notar que a noroeste, oeste e sudoeste do achado passa, também, o ribeiro do Linteiro e a sul, o “rio do Olho” ou rio/ribeiro da Cova do Vale que formam a ribeira do Canedo, subsidiária do rio Cértima, subafluente do Vouga. No local não ocorrem afloramentos à superfície.

Os solos correspondem, provavelmente a unidades detríticas do Cretácico ou a depósitos colúviais acumulados na base da encosta, já próximo da planície de inundação (Dinis 2004).

Trata-se de uma área fechada para o exterior, apenas com visibilidade para oeste, ou seja, para parte do curso do ribeiro do Linteiro e para Cabeço da Ermida que lhe fica imediatamente a norte, já do outro lado da “vala hidráulica”, a cerca de 20 m. Aí, há mais de 100 anos, terão aparecido ossadas, aquando da abertura dos alicerces para a construção de uma antiga casa, motivo pelo qual os autores da publicação poderão ter considerado que este depósito se associaria a contextos funerários (Fig. 9).



Fig. 9 - Posicionamento dos sítios do Sobreirinho e da Cova do Vale (Fonte: Google Earth).

Em suma, o achado até agora designado por Cova do Vale deverá, doravante, ser considerado como do Sobreirinho e como fazendo parte de um depósito enterrado no subsolo, provavelmente em terraço fluvial, em área profusamente irrigada e nas proximidades de um curso de água tributário do Cértima, um dos afluentes do rio Águeda, afluente da margem esquerda do Vouga, pelo que não concordamos com Vilaça (2007:59) quando esta afirma que se tratar de um local “aparentemente inexpressivo”.

3.4. Baralhas

O depósito do lugar de Baralhas, pertencente quer às freguesias de S. Pedro de Castelões, concelho de Vale de Cambra, quer à de Ossela, concelho de Oliveira de Azeméis foi noticiado pela primeira em 1896 por José Leite de Vasconcelos. Trata-se de um con-

junto de 16 braceletes maciços, lisos, abertos, de diferentes dimensões, seções e pesos e de uma peça de forma piramidal, em ouro, esta última, entretanto desaparecida.

O conjunto dispersou-se, tendo vários braceletes sido vendidos: pelo menos três a um ourives do Porto, outros a um ourives de Ovar e três ao Museu Nacional de Arqueologia onde permanecem (Fig. 10). Existem, também, alguns exemplares no Museu Soares dos Reis, no Porto (Severo 1905-1908) e um que terá ficado, na altura, em posse do Senhor J. Gaspar da Graça, do Porto, segundo Severo (1905).



Fig. 10 – Braceletes de Baralhas (Fot. Armbruster & Parreira 1993).

Quanto às condições do achado apenas se sabe que foi encontrado no Lugar de Baralhas quando um sapateiro escavava uma vala de fundação para colocar os alicerces de um muro de contenção de terras, no quintal da sua habitação.

Em visita ao local pudemos apurar que o lugar de Baralhas se localiza a nor-nordeste e a nordeste do Monte de Baralhas, num corredor natural de passagem de direção oeste - este e numa portela de divisórias de águas, rica em nascentes (Fig. 11).

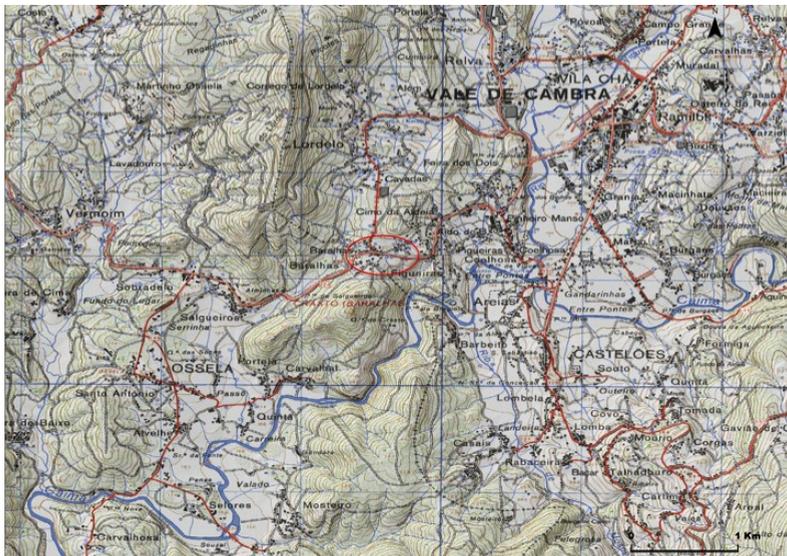


Fig. 11 - Localização genérica do lugar de Baralhas. Extratos das Cartas Militares de Portugal, na escala 1: 25.000, nº 154 e nº 164 (IGE).

Este corredor dá acesso a uma área de meandros muito acentuados do rio Caima, que é tradicionalmente local de passagem fluvial, materializado, hoje, por duas pontes.

De destacar que é lugar simbolicamente ativo na longa duração, com inúmeras lendas associadas a mouros e a batalhas com gente do outro lado do rio. Neste sentido, há que salientar a existência de um penedo, a que chamam Pedra da Moura, na margem oposta. De notar que este não tem fama de aurífero, embora pudesse ter cassiterite de aluvião.

4. RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

Apesar da preliminaridade deste trabalho há alguns resultados que gostaríamos de sistematizar e de destacar e que mostram a importância da prospeção na contextualização de antigos achados e depósitos metálicos, como um dos meios importantes para a interpretação social deste fenómeno.

Assim, foi possível identificar o local concreto, o microtopónimo, as condições de achado e o contexto espacial do conjunto metálico designado por Coles de Samuel e perceber que este correspondia, de facto, a um depósito fechado. Foi possível corrigir o microtopónimo do local do achado de Vale Centeio e efetuar a sua localização e contextualização física e espacial aproximada. Foi possível identificar concretamente e, portanto, relocalizar o depósito de Travasso e perceber melhor as suas condições de achado e o seu contexto espacial e, foi, ainda, possível descrever, com mais acuidade, o contexto físico e espacial do local do depósito de Baralhas.

Apesar das particularidades de cada contexto de deposição há alguns denominadores comuns em termos físicos, ou seja, todos eles se conectam, direta ou mais indiretamente, com pequenas bacias de receção e, por conseguinte, com nascentes de água, vinculando-se com vales agrícolas que visualizam, apesar de muitos deles se encontrarem em áreas depressionárias com visibilidades mais ou menos restritas.

O depósito de Baralhas (o único em ouro), apesar de se encontrar, também em área de pequenas bacias de receção apresenta particularidades dignas de nota: é o único que se localiza numa portela em termos geomorfológicos, ou seja, numa área de divisórias de águas; num corredor natural de passagem, entre terras interiores e a confluência do rio Vígues com o Caima (cursos de água de maior caudal que o dos casos anteriores), em áreas de meandros acentuados do rio Caima e em local de travessia fluvial.

Partindo do pressuposto que as comunidades pré-históricas, neste caso, da Idade do Bronze Final viveriam num espaço eivado de significados, certamente que existiriam lugares de maior importância coletiva e social do que outros. É neste sentido que entendemos os lugares de deposição de artefatos metálicos, ou seja, como lugares estruturantes no dia a dia das populações onde, em determinado momento, se reuniu um grupo de pessoas que oficiou determinadas ações e cerimónias que culminaram na deposição dos objetos metálicos, materializando, assim, os sentidos prévios do lugar ou adicionando novos sentidos ao lugar.

Sendo impossível conhecer os motivos destes ritos e celebrações é sempre possível a

sua interpretação, naturalmente subjetiva mas baseada na base empírica. Esta pode e deve efetuar-se quer através do tipo de objetos depositados (que contam uma ou várias histórias) quer através do seu contextos de deposição.

Assim, articulando o conjunto dos dados com os pressupostos assumidos parecem possível equacionar algumas interpretações que passaremos a discriminar:

Em primeiro lugar, verificámos que temos dois depósitos que associam machados e foices, combinatória que, segundo Vilaça (2007), na linha dos trabalhos de Fontijn (2003), poderia evocar a produção agrícola, motivo pelo qual os designou por “*depósitos de produção ou de vida*”, tendo aliás, classificado o de Travasso como desta categoria. Nesta perspectiva, consideramos que o agora inegável depósito da Fazenda ou Horta do Casalino pode incluir-se, também, nesta categorização, tendo em conta quer a sua composição, quer o seu contexto de achado. De notar que, além dos machados, o escopro, utensílio de trabalho usado em atividades associadas à transformação da madeira ou da metalurgia, também deverá personificar a produção. Os braceletes, elementos de adorno humano, estão naturalmente vinculados à produção humana e à vida.

Vilaça (2007) considera, ainda, que os depósitos se relacionam com a domesticação e apropriação simbólica do espaço. Atendendo à sua localização, perto das águas, nascentes e de solos agrícolas cremos que os depósitos poderão não domesticar mas antes celebrar os espíritos e as propriedades das águas e da terra e naturalmente, a fertilidade daí decorrente.

No caso do depósito de Baralhas parece ter sido significativo celebrar o local de passagem nas suas diferentes dimensões: terrestres e fluviais, o que talvez se possa relacionar com comunidades que dão importância, em termos mentais e simbólicos aos lugares liminares e de transição.

Agradecimentos

Este trabalho foi efetuado no âmbito do projeto Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte Rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados - ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Factores de Competitividade (COMPETE) e participado pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. & SANTOS, A.I.P. 2006. *De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C.*. Lisboa: IPM.
- ARMBRUSTER, B.R. & PARREIRA, R. (coord.) 1993. *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria. Do Calcolítico à Idade do Bronze*. Vol. I. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura/Inst. Português de Museus.
- BOTTAINI, C.E. 2012. *Depósitos metálicos no Bronze Final (sécs. XIII-VII a.C.) do Centro e Norte de Portugal. Aspectos Sociais e Arqueometalúrgicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Tese de doutoramento – policopiada).

- CARDOSO, M. 1930. Jóias arcaicas encontradas em Portugal. *Revista Nós* 75: 43-63.
- COFFYN, A. 1985. *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Col. Maison Pays Ibériques, 20. Diffusion de Boccard. Paris: Publ. Centre Pierre Paris.
- COFFYN, A. 1998. Une entité contestée: le Bronze atlantique. In S.O. Jorge (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Trabalhos de Arqueologia 10. Lisboa: IPA, 166-178.
- DINIS, P. 2004. *Evolução Pliocénica e Quaternária do Vale do Cértima*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Dissertação de doutoramento-policopiada).
- FONTIJN, D.R. 2003. *Sacrificial Landscapes. Cultural biographies of persons, objects and natural places in the Bronze Age of the southern Netherlands, c. 2300-600 BC*. *Analecta Praehistorica Leidensia*: 33/34. Leiden: Universiteit Leiden
- LEITÃO, N.M. & LOPES, J.M. 1984. Nótula sobre um achado arqueológico no lugar do Travasso - concelho da Mealhada - Instrumentos de bronze. *Munda* 8 (nov.): 14-21.
- MELO, A.A. 2000. Armas, utensílios e esconderijos. Alguns aspectos da metalurgia do Bronze Final: o depósito do Casal dos Fiéis de Deus. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3 (1): 15-120.
- MONTEAGUDO, L. 1977. *Die Beile auf der Iberischen Halbinsel*. Prähistorische Bronze-funde Abteilung IX Band 6. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung.
- PEREIRA, M.A.H. 1971 O esconderijo do Bronze Final de Coles de Samuel (Soure). *Arqueologia e História* 3 (9ª série): 165-179.
- ROCHA, R.; MANUPPELLA, G.; MOUTERDE, R.; RUGET, C. & ZBYSZEWSKI, G. 1981. *Notícia explicativa da folha 19-C - Figueira da Foz da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50000*. Lisboa: Direcção Geral de Geologia e Minas - Serviços Geológicos de Portugal.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1990. *Idade do Bronze na Estremadura Atlântica. Subsídios para um programa de estudo*. Lisboa: Universidade de Lisboa (Prova complementar de Douto-ramento em Pré-história e Arqueologia - policopiada).
- SEVERO, R. 1905. *Os braceletes d'ouro de Arnozella*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- SEVERO, R. 1905-1908. Notícias. Novas descobertas de ourivesaria portuguesa. *Portugália* 2 (3): 67-70.
- VASCONCELOS, J.L. 1896. Novo achado de braceletes pre-romanos. *O Archeologo Português* 2: 86-88.
- VILAÇA, R. 2007. *Depósitos de Bronze do território Português. Um debate em aberto*. Coimbra: Conimbriga – Anexos 5.
- VILAÇA, R. 2008. No rasto do Bronze final do Centro-sul da Beira Litoral: artefactos metálicos e seus contextos. In P.M. Callapez, R. Rocha, J. Marques, L. Cunha & P. Dinis (eds.) *A Terra: conflitos e ordem. Homenagem ao Professor Ferreira Soares*. Coimbra: Museu de Minerologia e Geologia da Universidade de Coimbra, 75-88.